

A BATALHA DE MALDON: TRADUÇÃO EM VERSOS ALITERATIVOS

THE BATTLE OF MALDON: TRANSLATION IN ALLITERATIVE VERSES

Samuel Renato Siqueira Sant'Ana¹

Resumo: O presente estudo visa apresentar um breve argumento a respeito do poema anglo-saxão *A Batalha de Maldon* (c. 1000) e traduzi-lo para a língua portuguesa em versos aliterativos, com base na edição do texto de Dobbie (1942). O objetivo da tradução é oferecer uma versão do texto que siga o poema original verso a verso, mesmo com reformulações sintáticas, devido a distância entre a língua de partida e a de chegada. Respeitando o verso, o leitor poderá acompanhar a versão original com maior facilidade, e a utilização da aliteração na língua portuguesa, mesmo que limitada e que, em certos momentos, divirja do metro original anglo-saxão, busca oferecer ao leitor uma apreciação poética da obra, mesmo que por vezes a custo de sacrificar palavras mais semanticamente adequadas por outras menos usuais, em prol da sonoridade. Apesar de suas limitações, considera-se que a tradução acaba por apresentar ao mesmo tempo uma porta de entrada ao leitor de língua portuguesa à literatura anglo-saxã e pode auxiliar aqueles que buscam ler a obra em seu idioma original como ferramenta de estudo.

Palavras-chave: *A Batalha de Maldon*; poesia anglo-saxã; inglês antigo; tradução literária.

Abstract: This study aims to present a brief argument regarding the Anglo-Saxon poem *The Battle of Maldon* (c. 1000) and to translate it into Portuguese in alliterative verses, based on Dobbie's text edition (1942). The goal of the translation is to provide a version of the text that follows the original poem line by line, even with syntactic reformulations, due to the distance between the source language and the target language. By respecting the verse, the reader will be able to follow the original version more easily, and the use of alliteration in Portuguese, although limited and at times diverging from the original Anglo-Saxon meter, seeks to offer the reader a poetic appreciation of the work, even if sometimes at the cost of sacrificing more semantically appropriate words for less common ones, in favor of prioritizing sound. Despite its limitations, it is believed that the translation ultimately presents a gateway for Portuguese-speaking readers to Anglo-Saxon literature. Despite its limitations, it is believed that the translation serves as both a gateway for Portuguese-speaking readers to Anglo-Saxon literature and can assist those who seek to read the work in its original language as a study tool.

Keywords: *The Battle of Maldon*; Anglo-Saxon poetry; Old English; literary translation.

¹ Doutorando e mestre em estudos literários pela UNESP. E-mail: samuel.santana@unesp.br. Orcid: 0009-0002-3239-9370

Introdução e argumento

O poema *A Batalha de Maldon* é um dos textos sobreviventes da literatura alo-saxã, ou, ao menos, sobrevivente em parte, visto que o texto que chegou ao presente é na verdade um fragmento de 325 versos, do qual seu início e final se perderam. O manuscrito mais antigo a contê-lo, até onde os registros podem localizar, foi o *Cotton Otho A. xii*, uma coleção severamente danificada em um incêndio na Ashburnham House em 1731, em Londres, fazendo com que as páginas referentes a *Maldon* se perdessem, enquanto as sobreviventes tenham se tornado ilegíveis. Porém, o manuscrito havia sido copiado poucos anos antes, c. 1724, de forma que o acesso ao seu conteúdo se dá através desta transcrição cujo manuscrito é catalogado como *MS Oxford, Bodleian Library, Rawlinson B. 203*, atualmente na Bodleian Library, em Oxford. Tendo em vista que o manuscrito *Rawlinson*, que contém a transcrição, já demonstra a ausência do início e do fim do poema, e foi escrito antes que o manuscrito anterior fosse danificado, constata-se que este, o *Cotton Otho*, também era uma cópia, provavelmente feita a partir do original, que devia conter o poema completo, mas que já se encontrava em péssimas condições, de maneira que parte de seu conteúdo se perdeu (cf. Atherton, 2021, p. 14).

Para além disso, o poema não possui título e nem autoria conhecida, porém, devido ao seu conteúdo, convencionou-se a chamá-lo de *A Batalha de Maldon*. O poema faz referência a um conflito histórico que ocorreu em Maldon, na região de Essex, sudeste da Inglaterra, em agosto do ano 991. Neste conflito, o conde² Byrhtnoth lidera um exército anglo-saxão contra uma hoste invasora de vikings, que são chamados no poema de “daneses”, embora não se possa afirmar que estes eram de fato oriundos da região que atualmente pertence à Dinamarca, pois o termo era utilizado pelos anglo-saxões de maneira generalizante para todos os povos escandinavos. Em busca de localizar a identidade dos invasores, é amplamente aceito que o exército seria liderado por Olaf Triggvason (Gordon, 1971, p. 10), um norueguês que se converteu ao cristianismo e foi famoso por ter invadido a Inglaterra, dentre outras regiões.

² No original “earl”, um título de nobreza que era concedido a senhores de terra que também desempenhavam a função militar de proteger toda a sua região. Em outras palavras, não existiam “condes” propriamente na sociedade anglo-saxônica, uma vez que “conde” é uma palavra que se relaciona mais ao período do inglês médio e das cortes francesas. Porém, embora busque evitar anacronismos, acredito que, *stricto sensu*, toda tradução de um texto anglo-saxão para uma língua moderna irá conter anacronismos, uma vez que as palavras da língua de chegada são todas posteriores às originais. Minha opção por “conde” se dá porque o título “earl” em inglês antigo ainda é utilizado no inglês moderno, mas como título de nobreza da família real britânica, como, por exemplo, o atual

As invasões vikings na Inglaterra tinham se tornado recorrentes nas décadas anteriores ao conflito, e este se deu da seguinte maneira: Byrhtnoth guia seus homens para a enseada de Maldon, que se encontra em uma das margens do rio Blackwater, que a separa de uma outra ilha pequena, onde se localizavam os invasores, e o ponto de contato entre a Grã-Bretanha e a pequena ilha é descrito como uma “ponte” (“bricg”), embora se configurasse na verdade como uma simples elevação terrena. Tal disposição é fundamental para entender o poema, pois o exército anglo-saxão, tendo o terreno mais alto, estava em vantagem militar, ao passo que seu inimigo estava cercado e só poderia alcançá-lo caso cruzasse o pequeno passadiço que os unia.

No início do poema é demonstrado como os invasores enviam um mensageiro para negociar com Byrhtnoth o *danegeld*, o “ouro dos daneses”, uma forma de extorsão que os vikings costumavam solicitar aos habitantes das terras invadidas, de modo que caso parte do tesouro nacional fosse entregue, os invasores partiam, mas caso não, a região era invadida. Byrhtnoth o nega ao mensageiro e convoca seus homens para o combate, colocando seus melhores soldados para defender a ponte, os quais, em um primeiro momento, se tornam bem-sucedidos, rechaçando os inimigos que tentavam cruzá-la e garantindo aos anglo-saxões uma aparente vitória.

Porém, os invasores solicitam a Byrhtnoth a cessação do conflito para que os vikings pudessem cruzar a ponte sem dificuldades e lutarem de igual para igual no mesmo solo com os ingleses. Byrhtnoth, honradamente, assim permite e essa acaba se provando a falha derradeira para seu exército, que é massacrado, incluindo o próprio conde.

O poema, mesmo que breve, ergue diversas questões relacionadas ao tema da bravura, da coragem, da honra cavaleiresca e do espírito germânico, temas que podem ser encontrados de forma recorrente na bibliografia estrangeira, e em menor medida na brasileira, das quais deixamos aqui como recomendação os estudos de Bruna Moraes da Silva (2013) e de Elton Oliveira Souza de Medeiros (2014). De forma ampla, apontamos que o dilema moral de Byrhtnoth reflete o motivo para a existência do poema: a dúvida entre se é preferível conquistar uma vitória injusta ou perder honradamente.

Em se tratando de traduções prévias do poema, até onde pudemos localizar, há duas em língua portuguesa. A primeira é de autoria de Glauco Micsik Roberti (2006), presente em

“Earl Spencer”, que é traduzido por “Conde Spencer”. Penso que “oficial” seria ainda mais anacrônico, pois é título militar da era moderna. Na impossibilidade de um equivalente mais preciso, opto por “conde”, mas é importante contextualizar que o “earl” anglo-saxão não era apenas um nobre, mas também um guerreiro e líder militar.

sua dissertação de mestrado, que busca traduzir o poema em versos aliterativos, mas não em sua totalidade, constituindo, portanto, uma tradução não integralmente aliterante. A segunda é de Elton O. S. Medeiros (2012), que opta por traduzir o poema para prosa e assim garantir maior fidelidade semântica ao original, conferindo maior inteligibilidade. Dessa forma, a presente tradução surge como ponto de equilíbrio entre as já existentes, embora sendo fruto da eterna busca por equilibrar o campo semântico e a estética, tal qual qualquer tradução poética.

Sendo uma tradução em versos, optou-se como prioridade respeitar o verso original, no sentido de abarcar o conteúdo de cada linha por seu equivalente na língua de chegada, mesmo que para isso a ordem sintática tenha que ser por vezes alterada e o equilíbrio original entre sílabas longas dentro de cada semiverso deva ser sacrificado. Por isso, a aliteração na tradução ocorre de maneira distinta do original, muitas vezes ocorrendo entre uma sílaba no primeiro semiverso com duas sílabas no segundo:

Ex.: “**rad** and **rædde**, **rincum** **tæhte**”

(**gal**gou e alertou, aos **guerreiros** **guiou**, v. 18, tradução e grifos nossos)

No mais, se perdoada essa violação estética, esperamos que com a presente tradução o leitor em língua portuguesa possa mais uma vez lembrar os grandes feitos dos anglo-saxões, que mesmo sendo memoráveis, nem sempre significaram a vitória no campo de batalha.

THE BATTLE OF MALDON

... brocen wurde³.

Het þa hyssa hwæne hors
 forlætan, feor afysan, and forð
 gangan,

hicgan to handum and to hige godum.

Þa þæt Offan mæg⁴ ærest onfunde, 5
 þæt se eorl nolde yrhðo geþolian,
 he let him þa of handon leofne fleogan
 hafoc wið þæs holtes, and to þære hilde stop;
 be þam man mihte oncnawan þæt se cniht nolde
 wacian æt þam wige, þa he to wæpnum feng. 10
 Eac him wolde Eadric his ealdre gelæstan,
 frean to gefeohte, ongan þa forð beran
 gar to guþe. He hæfde god geþanc
 þa hwile þe he mid handum healdan mihte
 bord and bradswurd; beot he gelæste 15
 þa he ætforan his frean feohtan sceolde.

Ða þær Byrhtnoð ongan beornas trymian,
 rad and rædde, rincum tæhte
 hu hi sceoldon standan and þone stede healdan,
 and bæd þæt hyra randas rihte heoldon 20

³ Devido à incompletude do verso há duas possibilidades de traduzir a palavra “wurde”, uma vez que esta apresenta duas conjugações do mesmo verbo auxiliar, “weorþan” (“ser”, “se tornar”), podendo estar conjugado ou no pretérito singular do modo subjuntivo (“estivesse”) ou na segunda pessoa do pretérito singular do modo indicativo (“estavas”, “estiveste” ou “estiveras”, cf. Bosworth, 2014). Devido ao fato do verso seguinte ser uma elocução do próprio poeta e se iniciar com a conjunção “þa” (“então”), indicando uma continuidade de fala, se torna bem improvável que a segunda opção seja a verdadeira, pois caso fosse, estaria compondo um diálogo entre duas pessoas próximas, o que faria com que o verso seguinte se tornasse deslocado.

⁴ A palavra literalmente significa “parente”, no entanto, possui um significado mais amplo do que apenas um membro da família, pois é também utilizado (inclusive no caso deste poema) para se referir a amigos próximos ou a membros do mesmo povo. Tentando abarcar um significado que englobe tanto o campo semântico do parente quanto do companheiro, acredito que “compadre” cumpre essa função.



fæste mid folman, and ne forhtedon na.
 Þa he hæfde þæt folc fægere getrymmed,
 he lihte þa mid leodon þær him leofost wæs,
 þær he his heorðwerod holdost wiste.
 þa stod on stæðe, stiðlice clypode 25

A BATALHA DE MALDON

... estivesse partido.

Então mandou cada combatente abandonar os cavalos,
 afugentar para longe, e seguir em frente,
 confiar em suas mãos e na boa coragem. 5
 Logo que o compadre de Offa compreende
 que o conde não iria tolerar covardice,
 ele deixou esvoejar de suas mãos o seu estimado
 gavião para o bosque e para a batalha avançou;
 com isso, garantia-se que o garoto não iria
 enfraquecer na guerra, já que empunhava armas. 10
 Eadric ia com ele, seguir o seu capitão,
 seu senhor, para o combate, assumindo a dianteira, carregando a
 lança para a luta. Ele tinha luminosa intenção
 enquanto com as mãos podia manejar 15
 o escudo e a espada; o voto ele honrou,
 de que devia lutar diante de seu senhor.
 Apressou-se ali Byrhtnoth a incitar seu batalhão,
 galgou e alertou, aos guerreiros guiou
 a como se portar e a manter posição, 20
 e seus escudos pediu que fossem erguidos
 com os pulsos tenazes e que a nada temessem.
 Quando a esse povo ele tinha primorosamente encorajado
 ele então aterrissou entre os seus, onde era mais amado,



- lá onde os seus lutadores eram mais leais.
- Então na beirada se posicionou, bradou firmemente 25
- wicinga ar, wordum mælde,
se on beot abead brimliþendra
- ærænde to þam eorle, þær he on ofre stod:
"Me sendon to þe sæmen snelle,
heton ðe secgan þæt þu most sendan raðe 30
beagas wið gebeorge; and eow betere is
þæt ge þisne garræs mid gafole forgyldon,
þon we swa hearde hilde dælon.
- Ne þurfe we us spillan, gif ge spedap to þam;
we willað wið þam golde grið fæstnian. 35
Gyf þu þat gerædest, þe her ricost eart,
þæt þu þine leoda lysan wille,
- syllan sæmannum on hyra sylfra dom
feoh wið freode, and niman frið æt us,
- we willap mid þam sceattum us to scype gangan, 40
on flot feran, and eow friþes healdan."
Byrhtnoð mapelode, bord hafenode,
wand wacne æsc, wordum mælde,
yrre and anræd ageaf him andsware:
- "Gehyrst þu, sælida, hwæt þis folc segeð? 45
Hi willað eow to gafole garas
syllan, ættrynne ord and ealde
swurd,
- þa heregeatu þe eow æt hilde ne deah.
Brimmanna boda, abeod eft ongear,
- sege þinum leodum miccle lapre spell, 50
þæt her stynt unforcuð eorl mid his werode, þe
wile gealgean eþel þysne,

æþelredes eard, ealdres mines,
 folc and foldan. Feallan sceolon
 hæþene æt hilde. To heanlic⁵ me þinceð 55
 þæt ge mid urum sceattum to scype gangon

o mensageiro dos vikings, verbalizou a sua fala,
 vozeou a ameaça dos viajantes do mar,
 a mensagem para o conde, na margem onde ele estava:
 “Me mandaram a ti os homens do mar velozes,
 ordenaram dizer a ti que deves entregar logo 30
 anéis como proteção; e a vós preferível sois
 que esta batalha com tributo banqueis
 do que nós na dura disputa cairmos.

Não precisaríamos nos destruir se vós propiciásseis isso;
 nós desejamos com esse ouro determinar uma trégua. 35
 Se tu providenciares isto, poderoso nobre que és,
 que a tua armada almejas livrar,
 aos homens do mar ofereça o que se decreta, a
 paga pela amizade e em paz ficarás conosco,
 nós com os bens desejamos para o barco partir, 40
 na vaga viajar, e paz vós ireis ter”.

Byrhtnoth anunciou, brandiu o escudo,
 ergueu o freixo flexível⁶¹, verbalizou sua fala,
 irada e inflexível, informou a resposta a ele:
 “Ouves tu, navegante, o que anuncia este povo? 45
 A teu tributo eles querem trazer as lanças, ponta
 envenenada e espada experiente, material

⁵ De acordo com o dicionário Bosworth-Toller (2014), a palavra “heanlic” significa “vil”, “desprezível”, ou “abjeto”, adjetivos normalmente utilizados para pessoas, mas como a personagem Byrhtnoth a utiliza para fazer referência à invasão dos daneses, a um evento, que taxa como negativo, julgo que “calamidade” é um termo apropriado e que auxilia no efeito poético da aliteração.

⁶ Material do qual as lanças eram feitas (N.T.).



wicinga fela, wiges georne.

Het þa hæleða hleo healdan þa bricge
wigan wigheardne, se wæs haten Wulfstan, 75
cafnæ mid his cynne, þæt wæs Ceolan sunu, þe
ðone forman man mid his francan ofsceat þe þær
baldlicost on þa bricge stop.

Þær stodon mid Wulfstane wigan unforhte,
Ælfere and Maccus, modige twegen, 80
þa noldon æt þam forða fleam gewyrcan,
ac hi fæstlice wið ða fynd weredon,

þa hwile þe hi wæpna wealdan moston.
Þa hi þæt ongeaton and georne gesawon
þæt hi þær bricgweardas bitere fundon, 85
ongunnon lytegian þa laðe gystas,
bædon þæt hi upgang agan
moston, ofer þone ford faran, feþan lædan.

sem lutar, agora que vós tão longe até aqui
na nosso país pisastes.

Nem deveis tão facilmente afanar o tesouro;
devem com ponta e fio primeiro nos satisfazer, 60
uma afiada peleja de armas antes de pagarmos tributo.”
Mandou então alçarem os escudos, os homens avançarem,

que na margem do rio todos se mantivessem.
Lá, pela água, não alcançaria uma tropa a outra,
de lá veio fluindo, o fluxo e depois o refluxo 65
puxaram a correnteza. Por muito ele pensou
quando em conjunto convocariam as lanças.

Eles, lá no rio Blackwater, com barulho se posicionavam, a
frente saxã do leste e a armada de lanças.

Não conseguiriam um ao outro combater, 70
sem que através do voo da flecha o fim anunciassem.

A enxurrada partiu; então se prepararam os navegantes,
 muitos vikings, ávidos pela batalha.

Mandou então o dianteiro dos heróis defender a ponte,
 determinado guerreiro, que se denominava Wulfstan, 75
 feroz entre os seus, era o filho de Ceola.

Ao primeiro homem puniu com a sua lança,
 que pretensiosamente na ponte pisou.

Ficaram ali com Wulfstan ferozes guerreiros,
 Aelfere e Maccus, ambos corajosos, 80
 nada poderia fazê-los fugir do vau,
 eles apenas resistiram robustamente ao inimigo,
 enquanto as armas eles podiam empunhar.

Então eles⁸ averiguaram e avidamente viram
 que os protetores da ponte eram penosos, 85
 astutamente agiram os abomináveis hóspedes,
 pediram que a atracagem pudessem possuir, por
 sobre

o vau ir, a pé liderar.

Ða se eorl ongan for his ofermode
 alyfan landes to fela laþere ðeode. 90

Ongan ceallian þa ofer cald wæter.
 Byrhtelmes bearn (beornas gehlyston):
 "Nu eow is gerymed, gað ricene to us,
 guman to guþe; god ana wat
 hwa þære wælstowe wealdan mote." 95

Wodon þa wælwulfas (for wætere ne murnon),
 wicinga werod, west ofer Pantan,
 ofer scir wæter scyldas wegon,

⁸ Os vikings (N.T.).



- lidmen to lande linde bæron.
- Ʒær ongean gramum gearowe stodon 100
 Byrhtnoð mid beornum; he mid bordum het
 wyrƷan þone wihagan, and þæt werod healdan
 fæste wið feondum. Ʒa wæs feohte neh,
- tir æt getohte. Wæs seo tid cumen
 þæt þær fæge men feallan sceoldon. 105
 Ʒær wearð hream ahafen, hremmas wundon,
 earn æses georn; wæs on eorþan cyrm.
- Hi leton þa of folman feolhearde speru,
 gegrundene garas fleogan;
 bogan wæron bysige, bord ord onfeng. 110
 Biter wæs se beaduræs, beornas feollon
 on gehwæðere hand, hyssas lagon.
- Wund wearð Wulfmær, wælræste geceas,
 Byrhtnoðes mæg; he mid billum wearð,
 his swuster sunu, swiðe forheawen. 115
 Ʒær wearð wicingum wiþerlean agyfen.
 Gehyrde ic þæt Eadweard anne sloge
 swiðe mid his swurde, swenges ne wyrnde,
 þæt him æt fotum feoll fæge cempa;
 þæs him his ðeoden þanc gesæde, 120
 þam burþene, þa he byre hæfde.
 Swa stemnetton stiðhicgende
- Então o conde, ao se aproximar, pelo seu orgulho
 dá demasiado terreno ao detestável povo. 90
 Ao se aproximar, chama então, por cima da água gelada,
 o filho de Byrthelm (os batalhadores ouviram):
 “Agora vos foi aberto, venham fortes até nós,
 homens, para a guerra; só Deus guia
 quem no pasto da batalha há de ter o poder.” 95

Passaram então os lobos (pois a água não os preocupava mais), o
batalhão viking, para o oeste de Blackwater,
sobre a água aberta agitaram os escudos,
os marinheiros para a terra traziam as tílias⁹.
Lá, contra os raivosos, estavam arranjados, 100
Byrhtnoth e seu exército; ele ordenou que com os escudos
fizessem uma barreira de proteção, e que o batalhão contivesse
os inimigos depressa. Então o duelo estava próximo,
a honra em batalha. A hora era chegada,
de que os condenados deviam cair. 105
Um grito havia sido entoado, giravam as águias,
aves ávidas por carcaça; havia tremor no solo.
Eles lançaram dos punhos as lanças duras,
afiadas com a lima, as lanças voaram;
arcos ficaram entretidos, escudos receberam lanças. 110
Amargo foi o eclodir da batalha, caíram homens
de ambas as tropas, os jovens tombavam.
Wulfmaer foi ferido, o descanso final escolheu,
o parente de Byrhtnoth; partiu com espadas,
o filho de sua irmã, fatalmente apagado. 115
Aos vikings contavam dar compensação.
Ouvi que Eadweard a um abateu
fortalecido com sua espada, não freou o golpe,
assim aos seus pés caiu o soldado condenado;
logo, o seu dirigente disse “obrigado” 120
ao oficial, quando teve oportunidade.
Assim, ficaram firmes no propósito

hysas æt hilde, hogodon georne
hwa þær mid orde ærost mihte

⁹ Madeira da qual os escudos eram feitos (N.T.).



on fægean men	feorh gewinnan,	125
wigan mid wæpnum;	wæl feol on eorðan.	
Stodon stædefæste;	stihte hi Byrhtnoð,	
bæd þæt hyssa gehwylc	hogode to wige	
þe on Denon wolde	dom gefeohtan.	
Wod þa wiges heard,	wæpen up ahof,	130
bord to gebeorge,	and wið þæs beornes stop.	
Eode swa anræd	eorl to þam ceorle,	
ægþer hyra oðrum	yfeles hogode.	
Sende ða se særinc	suþerne gar,	
þæt gewundod wearð	wigena hlaford;	135
he sceaf þa mid ðam scylde,	þæt se scaft tobærst,	
and þæt spere sprengde,	þæt hit sprang ongean.	
Gegremod wearð se guðrinc;	he mid gare stang	
wlancne wicing,	þe him þa wunde forgeaf.	
Frod wæs se fyrdrinc;	he let his francan wadan	140
þurh ðæs hysses hals,	hand wisode	
þæt he on þam færsceaðan	feorh geræhte.	
Ða he oþerne	ofstlice sceat,	
þæt seo byrne tobærst;	he wæs on breostum wund	
þurh ða hringlocan,	him æt heortan stod	145
ætterne ord.	Se eorl wæs þe bliþra,	
hloh þa modi man,sæde metode þanc		
ðæs dægweorces	þe him drihten forgeaf.	
Forlet þa drenga sum	daroð of handa,	
fleogan of folman,	þæt se to forð gewat	150
þurh ðone æþelan	æþelredes þegen.	
Him be healfe stod	hyse unweaxen,	
cniht on gecampe,	se full caflice	
bræd of þam beorne	blodigne gar,	
Wulfstanes bearn,	Wulfmær se geonga,	155



os guerreiros no duelo, desejaram avidamente
 que com suas pontas deviam primeiro
 dos homens condenados as vidas confiscar, 125
 dos combatentes armados; carnificina caiu sobre a terra.
 Se posicionaram inabaláveis; instigou-os Byrhtnoth,
 pediu que cada beligerante buscasse a batalha,
 para os daneses¹⁰ iriam a danação trazer.
 Um avançou para a luta dura, com as armas levantadas, 130
 o escudo como proteção, e contra o homem procedeu.
 Dirigiu-se decidido o conde ao homem disponível, cada
 militar ao outro a má-fortuna desejou.
 Logo, mandou o pirata uma lança sulista,
 que fez uma chaga no chefe dos guerreiros; 135
 ele atacou com o escudo, tanto que a haste se quebrou, a
 lança se partiu em duas, e pulou novamente.
 Perseverante era o guerreiro; com a lança ele perfurou
 o viking convencido, deu a ele um corte.
 Sábio era o soldado; ele deixou sua lança sair 140
 pelo pescoço do guerreiro, guiado pela mão
 que desse vilão a vida tomava.
 Então a outro ele velozmente atacou,
 a cota de malha se partiu; ele foi ferido no peito
 através dos anéis protetores, parou em seu coração 145
 a ponta envenenada. O conde estava eufórico,
 então riu, o homem alegre, semeou agradecimentos ao criador pelo dia
 de trabalho que o divino lhe deu.
 Algum soldado disparou o dardo de sua mão,
 fugiu de seus punhos, em frente avançou 150
 através do nobre lorde de Aethelred.
 Junto a ele estava um jovem mancebo,
 uma criança no conflito, todo confiante

¹⁰ Povo germânico (N.T.).



Hi bugon þa fram beaduwe þe þær beon noldon. 185

Þær wearð Oddan bearn ærest on fleame, Godric
fram guþe, and þone godan forlet þe him
mænigne oft mear gesealde;

lançou mordazmente, voltou mais uma vez;
a ponta penetrou, permanecia no solo
aquele que a seu superior antes tinha severamente atacado.
Avançou um homem armado até o conde;

ele queria do guerreiro as joias coletar, 160
espólios e anéis, e a espada ornamentada.
Então Byrhtnoth sacou a lâmina da bainha,

comprida e amarronzada, e na cota a enterrou.
Num repente, lhe inibiu um navegante,

que do conde o braço conteve. 165

Caiu então no chão a espada de cabo dourado;
não conseguia ele recuperar a rija lâmina,
a arma empunhar. Porém, palavras ainda professou o
guerreiro grisalho, incitou os guerreiros,

pediu que fossem em frente os fiéis companheiros; 170
não poderia por muito tempo em pé permanecer.
Ele aos céus contemplou:

“Agradeço-te, Governante dos povos,
por todas as alegrias que no mundo alcancei.
Mas, agora, gentil criador, eu necessito grandemente

que tu à minha alma concedas amparo, 175
que meu espírito até ti possa encaminhar-se
sob teu poder, príncipe dos anjos,

e em paz partir. Eu peço a ti
que esses criminosos infernais não consigam nos humilhar.” 180

Então a ele golpearam os guerreiros pagãos
e a ambos os homens que se achavam próximos a ele,



- Aelfnoth e Wulfmaer, ambos caíram.
- Vizinhos a seu senhor as vidas entregaram.
- Da batalha então fugiram os que lá não mais ficariam. 185
- Lá estava o filho de Odda, o primeiro a fugir. Godric
fugiu da batalha e abandonou o bondoso que
em várias ocasiões lhe tinha ofertado um cavalo;
- he gehleop þone eoh þe ahte his hlaford,
on þam gerædum þe hit riht ne wæs, 190
and his broðru mid him begen ærndon,
Godwine and Godwig, guþe ne gymdon,
- ac wendon fram þam wige and þone wudu sohton, flugon
on þæt fæsten and hyra feore burgon,
- and manna ma þonne hit ænig mæð wære, 195
gyf hi þa geearnunga ealle gemundon
þe he him to duguþe gedon hæfde.
- Swa him Offa on dæg ær asæde
on þam meþelstede, þa he gemot hæfde,
þæt þær modiglice manega spræcon 200
þe eft æt þearfe þolian noldon.
- Þa wearð afeallen þæs folces ealdor,
æþelredes eorl; ealle gesawon
heorðgeneatas þæt hyra heorra læg.
- Þa ðær wendon forð wlance þegenas, 205
unearge men efston georne;
hi woldon þa ealle oðer twega,
lif forlætan oððe leofne gewrecan.
Swa hi bylde forð bearn ælfrices,
- wiga wintrum geong, wordum mælde, 210
ælfwine þa cwæð, he on ellen spræc:
"Gemunan þa mæla þe we oft æt meodo spræcon,



- guerreiro de poucos invernos palavras proferiu, 210
 Aelfwine então disse, ele afirmou com coragem:
 “Lembrem-se dos votos que muitas vezes dissemos nos salões,
 quando nos assentos entoamos ameaças,
 heróis nos saguões, sobre a dura batalha;
 agora vamos ver quem é valente. 215
 Eu quero que da minha linhagem todos se lembrem,
 que eu era da Mércia de magnânima família;
 que o meu ancestral se chamava Ealhelm,
 nobre prudente, próspero.
 Ne sceolon me on þære þeode þegenas ætwitan 220
 þæt ic of ðisse fyrde feran wille, eard
 geseccan, nu min ealdor ligeð
 forheawen æt hilde. Me is þæt hearma mæst;
 he wæs ægðer min mæg and min hlaford.”
 Þa he forð eode, fæhðe gemunde, 225
 þæt he mid orde anne geræhte
 flotan on þam folce, þæt se on foldan læg
 forwegen mid his wæpne. Ongan þa winas manian, frynd
 and geferan, þæt hi forð eodon.
 Offa gemælde, æscholt asceoc: 230
 “Hwæt þu, ælfwine, hafast ealle gemanode
 þegenas to þearfe. Nu ure þeoden lið,
 eorl on eorðan, us is eallum þearf
 þæt ure æghwylc oþerne bylde
 wigan to wige, þa hwile þe he wæpen mæge 235
 habban and healdan, heardne mece, gar
 and godswurd. Us Godric hæfð, earh
 Oddan bearn, ealle beswicene.
 Wende þæs formoni man, þa he on meare rad,
 on wlancan þam wicge, þæt wære hit ure hlaford; 240
 Forþan wearð her on felda folc totwæmed,



scyldburh tobrocen. Abreoðe his angin,
 þæt he her swa manigne man aflymde!"

Leofsunu gemælde and his linde ahof,
 bord to gebeorge; he þam beorne oncwæð: 245
 "Ic þæt gehate, þæt ic heonon nelle fleon
 fotes trym, ac wille furðor gan,
 wrecan on gewinne minne winedrihten.

Ne þurfon me embe Sturmere stedefæste hælæð

Não podem os soldados entre este povo me repreender, 220
 como se desse exército eu quisesse fugir
 para buscar minha casa agora que caiu o meu senhor,
 morto em batalha. Meu é o maior dos sofrimentos; ele
 era tanto meu sangue quanto meu senhor."

Ele logo avançou, lembrando da luta 225
 ele com sua lança a um lesou,
 um pirata desse povo, que pereceu no solo,
 assassinou com sua arma. De novo, apelou aos amigos,
 familiares e companheiros, que fossem em frente.

Offa afirmou: agitando a lança: 230
 "Ouças tu, Aelfwine, tens convocado a todos
 os guerreiros para o dever, agora que nosso guia caiu,
 o conde sobre a terra. É tarefa de todos nós

que cada um dos nossos encoraje o outro
 guerreiro para a guerra, enquanto ele agarrar as armas 235
 e poder portar a pesada lâmina,
 lança e bom gume. Tem a nós Godric,

o frouxo filho de Odda, todos fraudado.
 Muitos homens creram que quem fugiu no cavalo,
 na orgulhosa montaria, foi o nosso mestre; 240

foi assim que aqui na planície o povo se dispersou,
que a muralha de escudos se desfez. Que caia em desgraça
aquele que fez tantos homens fugirem!"

Leofsunnu falou e levantou sua proteção,
o escudo para resguardá-lo; ele respondeu ao homem: 245
"Eu prometo que a partir daqui eu não irei
fugir um só pé, quero apenas avançar,
vingar na luta o meu amigo e líder.

Não precisam os soldados ferrenhos de Sturmer¹² a mim

wordum ætwitan, nu min wine gecranc, 250
þæt ic hlafordleas ham siðie,
wende fram wige, ac me sceal wæpen niman,
ord and iren." He ful yrre wod,

feaht fæstlice, fleam he forhogode.
Dunnere þa cwæð, daroð acwehte, 255
unorne ceorl, ofer eall clypode,
bæd þæt beorna gehwylc Byrhtnoð wræce:
"Ne mæg na wandian se þe wrecan þenceð
freat on folce, ne for feore murnan."

Ða hi forð eodon, feores hi ne rohton; 260
ongunnon þa hiredmen heardlice feohtan,
grame garberend, and god bædon

þæt hi moston gewrecan hyra winedrihten
and on hyra feondum fyl gewyrca.
Him se gysel ongan geornlice fylstan; 265
he wæs on Norðhymbron heardes cynnes,
Ecglafes bearn, him wæs æsferð nama.

He ne wandode na æt þam wigplegan,

¹² Vilarejo na região de Essex (N.T.).

- ac he fysde forð flan genehe;
 hwilon he on bord sceat, hwilon beorn tæsde, 270
 æfre embe stunde he sealde sume wunde,
 þa hwile ðe he wæpna wealdan moste.
- Ða gyt on orde stod Eadweard se langa,
 gearo and geornful, gylpwordum spræc
 þæt he nolde fleogan fotmæl landes, 275
 ofer bæc bugan, þa his betera leg.
 He bræc þone bordweall and wið þa beornas feaht,
 oðþæt he his sincgyfan on þam sæmannum
 wurðlice wrec, ær he on wæle læge.
- Swa dyde æþeric, æþele gefera, 280
 fus and forðgeorn, feaht eornoste.
 Sibyrhtes broðor and swiðe mænig oþer
- com palavras censurar, agora que padeceu o meu amigo, 250
 como se eu, sem meu senhor, no sentido de minha casa
 devesse fugir da guerra, porque as armas devo tomar, a ponta
 e o ferro.” Ele partiu todo irado,
 lutou firmemente, a fuga ele desprezou.
- Dunnere então disse, o dardo sacudiu, 255
 o velho camponês, vociferou acima de todos,
 pediu a cada um dos varões que vingasse Byrhtnoth:
 “Não pode sequer vacilar aquele que pensa em vingar
 o porta-voz do povo, nem temer por sua vida.”
 Então em frente eles partiram não pensando em suas vidas; 260
 a companhia começou a lutar cruelmente,
 os raivosos lanceiros rogaram a Deus
 para que lograssem vingar seu amigo e líder
 e causassem a destruição de seus adversários.
- Deles um refém se aproximou, para ajudar prontamente, 265

ele veio da Nortúmbria, de valente povo,
 o filho de Ecglaf, Aescferth ele se chamava.
 Ele nem hesitou no embate da guerra,
 apenas mandou em frente as flechas voadoras;
 ora ele fendia um escudo, ora ele feria um homem, 270
 frequentemente ele fazia alguns ferimentos,
 enquanto as armas ele podia empunhar.

Estava ainda à frente Eadweard, o alto,
 pronto e apressado, falou palavras gloriosas,
 que ele não sairia um só pé do solo, 275
 não daria as costas quando caiu o melhor de todos.
 Rompeu a barragem de escudos, e batalhou contra os homens, até que,
 por seu camarada, dos capitães do mar
 corretamente se vingou, antes de cair morto.
 Assim fez Aetheric, nobre amigo, 280
 rápido e ansioso para avançar, lutou avidamente.
 o irmão de Sibyrht, e tantos outros severos

clufon cellod bord, cene hi weredon;
 bærst bordes lærig, and seo byrne sang
 gryreleoða sum. þa æt guðe sloh 285
 Offa þone sælidan, þæt he on eorðan feoll,
 and ðær Gaddes mæg grund gesohte.
 Raðe wearð æt hilde Offa forheawen;
 he hæfde ðeah geforþod þæt he his frean gehet,
 swa he beotode ær wið his beahgifan 290
 þæt hi sceoldon begen on burh ridan,
 hale to hame, oððe on here crincgan,
 on wælstowe wundum sweltan;
 he læg ðegenlice ðeodne gehende.
 Ða wearð borda gebræc. Brimmen wodon, 295

ele se deitou virilmente vizinho a seu senhor.

Então escudos foram arrasados. Marinheiros avançaram, 295
 abrasados para a guerra; uma lança atravessou muitas vezes
 o corpo de um condenado. Continuou então em frente Wistan,
 filho de Thurstan, lutou frente aos guerreiros;

em meio à multidão ele matou três,
 antes do filho de Wigelin ser abatido em meio à carnificina. 300
 Houve lá um forte encontro; foram rápidos
 os guerreiros na guerra, gladiadores sucumbiram,
 fatigados pelos ferimentos. A chacina fluiu sobre a terra.

Oswold e Eadwold a toda hora,
 ambos os irmãos, incentivavam os homens, 305
 a seus amigos e parentes pediam com palavras
 que a dificuldade eles deviam suportar

e inabalavelmente empunharem as armas.
 Byrhtwold declarou, brandiu o escudo
 (era um vassalo velho), vibrou o freixo; 310
 ele, todo corajoso, incitou os cavaleiros:
 "O pensar deve ser tão firme, o coração tão feroz,
 o espírito tão maior, quanto mingua a nossa força.
 Aqui jaz o nosso mestre, todo massacrado,
 um homem leal na lama. O compadre sempre lamentará 315

se ðe nu fram þis wigplegan wendan þenced.

Ic eom frod feores; fram ic ne wille,
 ac ic me be healfe minum hlaforde,
 be swa leofan men, licgan þence."

Swa hi æþelgares bearn ealle bylde, 320
 Godric to guþe. Oft he gar forlet,
 wælspere windan on þa wicingas,
 swa he on þam folce fyrmest eode,

Christ Sean, and Ondřej Tichy. Prague: Faculty of Arts, Charles University, 2014.
Disponível em: <<https://bosworthtoller.com/>>. Acesso em: 09 out. 2025.

DA SILVA, Bruna Moraes. “Do Herói Homérico ao Herói Germânico: uma análise comparada sobre o código de conduta guerreiro entre a *Ilíada* e a Batalha de Maldon”. *Medievalis*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 71-90, 2013.

GORDON, E. V (ed.). *The Battle of Maldon*. 7 ed. London: Methuen & Co Ltd, 1971.

MEDEIROS, Elton O. S. “A Batalha de Maldon”. *Brathair-Revista De Estudos Celtas E Germânicos*, v. 12, n. 1, 2012.

—. “Mito e História no Campo de Batalha: Apropriação e Interpretação do Passado pelo Medievo e como História Nacional”. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 29-59, 2014.

ROBERTI, Glauco Micsik. *A batalha de Maldon: tradução e aliteração*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

WRIGHT, Joseph. *Old English Grammar*. London: Oxford University Press, 1908.